



88120235



International Baccalaureate®  
Baccalauréat International  
Bachillerato Internacional

**PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Tuesday 13 November 2012 (morning)  
Mardi 13 novembre 2012 (matin)  
Martes 13 de noviembre de 2012 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

---

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.
- The maximum mark for this examination paper is *[25 marks]*.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est *[25 points]*.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es *[25 puntos]*.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

Os sons da orquestra de Viena encheram a sala. Afonso tomou-a nos braços e começaram a bailar, os olhos pregados um no outro, os corpos embalados ao ritmo da valsa, as mãos apertadas entre si, as livres procurando os corpos, a direita dele na cinta dela, a esquerda dela nos ombros dele. Dançaram sem nada dizerem, os olhos fixos nos olhos, insinuantes, maliciosos, provocadores, navegando na onda da música. A valsa acelerou e Afonso puxou-a mais para si, os ventres a chocarem-se, as roupas a roçarem-se. Perderam a noção do espaço e do tempo, rodopiando na sala ao som da valsa tocada pelo gramofone, desejando que aquele momento se prolongasse, se eternizasse, sublime, arrebatador, perene, inesquecível. A melodia encheu-lhes a alma e atirou-os para um universo à parte, um mundo só seu, encantado, feito de beleza e sonho, êxtase e magia. Afonso mergulhou nos olhos verdes e observou-lhe a boca entreaberta, os lábios aveludados brilhando como pétalas húmidas, convidativos, acolhedores. Aproximou-se ligeiramente com a cabeça, hesitou, ela permaneceu de olhos muito abertos, fixos nele, ele sentiu-a irresistível, sentiu que chegara o momento, era altura de o desejo tomar conta do corpo.

15 “*Madame* deseja mais alguma coisa?”

A voz masculina rompeu como um trovão o momento mágico. Afonso e Agnès sobressaltaram-se e olharam para a porta. Era Marcel, o mordomo. A baronesa desprendeuse bruscamente do capitão.

“Não, Marcel, obrigada. Boa noite.”

20 “Boa noite, *madame*”, disse Marcel com os olhos perscrutadores. “Boa noite, *monsieur*.”

O mordomo retirou-se com vagar, algo frio, deixando-os sem jeito. Fez-se um silêncio breve, constrangido e embaraçado, sentiam-se como crianças apanhadas numa tropelia.

Agnès desligou o gramofone e Afonso regressou à lareira, as chamas precisavam de ser ateadas. Remexeu a madeira da lenha e o fogo reacendeu-se, respirando fogo e calor. Durante alguns segundos apenas se ouviram os estalidos das fagulhas. Satisfeito, o capitão voltou ao seu lugar no canapé, e sentou-se.

Ficaram os dois a olharem-se. Foi um olhar inesperado e o capitão atrapalhou-se com aqueles olhos bonitos e meigos que se fixavam em si, era um homem tímido, o olhar prolongou-se e ele começou a sentir o coração a bater, a bater, cada vez mais, tudo muito rápido, agora ecoando nas têmporas, a certa altura já pulava quase descontroladamente. Experimentou pulsões contraditórias. Queria beijá-la, pressentia que ela não resistiria, existia ali uma força magnética, um íman invisível atraía-os, mas caiu em si, pensou que aquela era uma mulher casada, estaria ele louco? Ainda havia pouco estivera à conversa com o marido. Além do mais, quem lhe garantia que não estava a confundir tudo, que o seu desejo por ela não o traía, criando a ilusão de que ela também o desejava? Sentiu-se inseguro, que escândalo se a beijasse e viesse a constatar que ela afinal não o queria, que aquele olhar era só de simpatia, que vergonha desrespeitar a anfitriã e o marido na sua própria casa. Afinal de contas, pensou, esta mulher era bela demais para si, pertencia a um outro mundo, era uma princesa inalcançável e inacessível, uma fada de sonhos, e ele não passava de uma mera rã, um portuguezito emproado que tudo misturava, o olhar que dela recebia só podia ser de cortesia, havia que não confundir afabilidade com desejo. Afastou os olhos, embaraçado, quebrando o contacto visual.

José Rodrigues dos Santos, *A Filha do Capitão* (adapt.) Portugal (2004)

- Identifique os dois momentos do texto que se opõem e melhor revelam os sentimentos de Afonso.
- Interprete as perguntas retóricas presentes no excerto.
- A caracterização de Afonso e Agnès é particularmente expressiva. Comente os recursos estilísticos que contribuem para essa expressividade.
- A adjetivação tem destaque neste excerto. Comente-a sem esquecer de explicitar o efeito conseguido.

2.

**Meu neto**

Ergo-te agora em meus cansados braços,  
que tanto labutaram nesta vida.  
E sinto que me aflora aos olhos baços  
a gota de uma lágrima furtiva.

5 Bem sei que por misteriosos laços  
minha vida na tua está contida.  
E quando me descubro nos teus braços,  
quero que tudo em mim renasça e viva.

10 Mas sei que vou partir, quando amanheces.  
É fatal que se cumpra a lei da vida.  
Enquanto digo adeus, vives e cresces.

Assim, pouco me importa esta partida,  
se em meu lugar tu ficas, permaneces  
para que em teu sorriso eu sobreviva.

Jorge Medauar, Inédito, Brasil

- Interprete a reação do sujeito lírico ao segurar o tu lírico.
  - Que “misteriosos laços” unem as duas vidas referidas no poema?
  - Comente a expressividade dos recursos estilísticos presentes no poema.
  - O que leva o sujeito lírico a aceitar a partida?
-